

O “PERIGO VERMELHO” NA AMÉRICA LATINA E A GRANDE IMPRENSA DURANTE OS PRIMEIROS ANOS DA GUERRA-FRIA (1947-1955)

*Heloisa Jochims Reichel*¹

RESUMO. Nos anos iniciais da guerra fria, o comunismo substituiu o nazismo como inimigo e foi representado, principalmente na imprensa nacional, como a grande ameaça que a América Latina devia combater. Com um discurso demonizador, as notícias publicadas nos jornais contribuíram para que o comunismo se tornasse objeto de conflitos sociais e políticos e atuasse decisivamente na política interna e externa dos países latino-americanos. Neste artigo analisamos as representações veiculadas nos dois principais jornais editados no Rio Grande do Sul nos anos iniciais da guerra fria, as quais apontaram o comunismo como o mal na relação polarizada de luta entre contraditórios, possibilitando que parcela significativa da sociedade latino-americana se engajasse na luta política contra o comunismo, fazendo desse, não uma utopia a alcançar, mas um perigo a evitar.

Palavras-chave: América Latina; imprensa; guerra-fria; comunismo.

THE RED DANGER IN LATIN AMERICA AND STREAMLINE JOURNALISM DURING THE FIRST YEARS OF THE COLD WAR (1947-1955).

ABSTRACT. In the first years of the Cold War Communism substituted Nazism as the enemy and it was portrayed, especially in the national press, as the great menace that Latin America should fight. With a demonizing discourse, the news published on the papers contributed to turn Communism into a target of social and political conflicts. Also, Communism acted decisively in the external and internal political affairs of the countries in Latin America. The present article analyses the representations that were spread by the two main newspapers edited in Rio Grande do Sul during the first years of the Cold War. The above-mentioned representations pointed at the Communism as the evil part in the polarized struggle relation between contradictory ideas, making a significant part of the Latin America's society to join the political fight against

¹ Docente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS

Communism. They made Communism look like a danger to avoid, not like a utopia yet to be reached.

Key words: Latin America; press; cold war; communism.

Com a queda do muro de Berlim, os especialistas em política internacional consideram que a Guerra-Fria tenha se encerrado e, junto com seu bipolarismo ideológico, passado para a História. Observando, porém, as análises e avaliações realizadas por vários segmentos da sociedade brasileira acerca de programas ou movimentos sociais e políticos que ocorrem no país ou em outras regiões do mundo, verifica-se que as interpretações acerca do presente estão, ainda, eivadas por imagens e estereótipos construídos e divulgados durante o período da guerra fria. O conservadorismo² de que se reveste essa posição é compartilhado por uma parcela significativa da sociedade latino-americana, composta por integrantes não só dos setores dominantes e médios, mas também dos populares do campo e da cidade.

É nosso objetivo compreender algumas estratégias e meios que foram responsáveis pela estruturação, no imaginário coletivo da nossa sociedade, de uma percepção negativa em relação ao comunismo. Para tal, delimitamos os anos de 1947 a 1955 como recorte cronológico, o qual é definido por dois acontecimentos históricos. O primeiro indica o começo oficial da guerra fria, marcado pelo lançamento da *doutrina Truman*³, que tornou pública a intenção dos norte-americanos de combater o avanço comunista. O outro assinala o fim de um período que,

² *Conservadorismo*, apesar de ser uma palavra muito utilizada, é um conceito que apresenta vários e imprecisos significados. Para a ciência política, o termo designa idéias e atitudes que visam à manutenção do sistema político existente e dos seus modos de funcionamento, apresentando-se como contraponto das forças inovadoras. Sua essência, pois, é o exercício de uma *função conservadora*. Surgiu como uma investida contra o Iluminismo nas obras de Edmund Burke (1729-1797). Nelas, a percepção de um mundo em transformação, regido pela razão iluminista, era substituída pela que entendia este mundo como um universo moral estável, ligado a um sistema de valores transcendentais. Segundo Tizziano Banazzi (in BOBBIO, 1997:243/44) “*A tese conservadora considerava a natureza humana não modificável pela ação prática, porquanto mergulhava suas raízes numa realidade sobre-humana, a vontade divina, não podendo, nem o conhecimento, nem a ação política, serem totalmente liberativos*”. Surgem, assim, o conservadorismo e o progressismo como forças políticas com funções antagônicas, fundamentadas em práticas sociais e visões de mundo distintas.

³ A expressão faz referência ao nome do presidente dos Estados Unidos que, a partir da mesma, mobilizou o governo norte-americano no combate à expansão comunista, defendendo a idéia de que a União Soviética e o comunismo ameaçavam a soberania dos povos livres.

por razões que analisaremos no decorrer do artigo, apresentou um certo equilíbrio nas possibilidades de as idéias socialistas e capitalistas serem difundidas no contexto latino-americano. Nos primeiros anos da guerra fria, o comunismo se apresentou, para muitos setores da sociedade latino-americana, como alternativa política viável e democrática ao sistema de dominação vigente, e pôde gozar de um clima de certa liberdade para participar da luta pelo poder político.⁴

Os conceitos *imaginário* e *representações*⁵ fundamentam nossa análise, que utiliza, por sua vez, as notícias publicadas na grande imprensa⁶ como fonte historiográfica.

Entendemos que o *imaginário* é parte integrante do real, atuando decisivamente na dinâmica das lutas e disputas entre os grupos sociais.⁷ Em nosso caso as concepções sobre o comunismo, apresentadas ontem e hoje por grupos da nossa sociedade interagem com as ações individuais e coletivas, participando, assim, no rumo dos acontecimentos e dos conflitos de poder que nela se estabelecem. Em síntese, o imaginário é ator de destaque e contribui para a presença marcante, no Brasil, do conservadorismo nos campos político, social, econômico e das idéias.

⁴ A relativização da liberdade de que gozava o comunismo se deve ao fato de que não se pode estender essa característica a todos os países da América Latina, nem a todos os anos que compreendem nosso estudo. Os partidos comunistas, por exemplo, que conheceram a legalidade logo no início da guerra fria em muitos países, aos poucos foram sendo colocados na ilegalidade. Em contrapartida, um tema debatido com vigor era o que dizia respeito à liberdade de imprensa, considerada fundamental para que as idéias e os fatos fossem divulgados à sociedade. Alguns países, entretanto, como a Argentina durante o governo de Perón, foram acusados de não praticá-la.

⁵ Para atender a nossos objetivos e tema, autores como Bronislaw Backzo, Pierre Bourdieu e Roger Chartier são as principais referências, seja porque deram contribuições fundamentais ao entendimento dos mesmos, seja porque pertencem ao grupo de intelectuais que os consideram parte integrante do real e os vinculam com a dinâmica e com o contexto social.

⁶ Esse termo será usado para designar os grandes jornais de circulação diária e voltados ao público amplo. Apesar de apresentarem edições com número elevado de exemplares, dirigem-se especialmente aos leitores de classe alta e média e, apenas em segundo plano, aos setores populares.

⁷ Bazcko expressa bem a importância do imaginário na atuação de uma sociedade quando diz: “Em qualquer conflito social grave- uma guerra, uma revolução- não serão as imagens exaltantes e magníficas dos objetivos a atingir e dos frutos da vitória procurada uma condição de possibilidade da própria ação das forças em presença? Como é que se podem separar, neste tipo de conflitos, os agentes e os seus actos das imagens que aqueles têm de si próprios e dos inimigos, sejam esses inimigos de classe, religião, raça, nacionalidade etc? Não são as ações efetivamente guiadas por estas **representações**; não modelam elas os comportamentos; não mobilizam elas as energias; não legitimam elas as violências?” (1985: 298) [grifo nosso].

Não obstante, se o *imaginário* é um importante instrumento para a compreensão da dinâmica social, é através das *representações* que dele nos aproximamos. Os discursos, as imagens, os símbolos, os estereótipos são algumas das formas como elas aparecem, sendo que, como o *imaginário*, não estão desvinculadas das práticas e do contexto em que vivem os sujeitos históricos. No caso da disputa ideológica que marcou a guerra fria, as *representações* expressaram dimensões do real que interferiam no posicionamento político e social dos indivíduos e mostraram um espaço de disputa entre diferentes grupos para tornar legítima a sua visão de mundo. Sendo assim, elas eram determinadas pelos interesses dos grupos sociais que as forjavam e não se constituíam, de forma alguma, em discursos neutros.

É com essa perspectiva que utilizamos os jornais editados pela grande imprensa como fonte histórica. Nos anos iniciais da década de 1950, o setor passou por significativa modernização do seu parque gráfico e adotou o estilo pragmático do jornalismo norte-americano. Formaram-se conglomerados da área da comunicação, com a atuação das empresas nos setores do rádio e da televisão, além do jornalístico. Convém destacar, porém, que os periódicos diários ainda se constituíam no órgão principal da empresa e, geralmente, a ela haviam dado origem.

Apesar de representarem a voz dos dominantes de maneira geral, os jornais não se apresentavam como um todo homogêneo, podendo divergir a respeito de diversos temas. Também, caracterizavam-se por afirmar uma maior ou menor vinculação político-partidária, e a multiplicidade de estilos e opiniões apareceu em qualquer grande jornal, desde que os articulistas se mantivessem dentro dos limites colocados pelo corpo de editores.⁸

Podemos identificar três vozes distintas que se faziam presentes nos jornais do período analisado. A primeira delas manifestava-se através de textos jornalísticos que comentavam fatos e opinavam sobre determinadas situações, podendo ser chamada de “voz da imprensa”. Em geral, ela se expressava através de editoriais e, também, de artigos publicados com o aval dos editores, recebendo destaque na diagramação

⁸ No caso das notícias internacionais, principalmente no que concerne à guerra fria e ao comunismo, eles apresentaram versões muito semelhantes, por razões que apresentaremos mais adiante.

do jornal.⁹ A segunda corresponde ao conjunto de textos, produzidos a partir de artigos, entrevistas, pronunciamentos ou discursos de personalidades diversas, geralmente políticos e, com menor frequência, militares, intelectuais e membros do clero. Em todos eles, os emissores do discurso ganham nomes, são considerados os responsáveis pelo conteúdo, geralmente estão relacionados a grupos ou instituições e, como na anterior, são representantes da *vox domini*. A terceira voz é a dos dominados, e, pelas características da imprensa que apontamos, não gozava de espaços privilegiados ou de porta-vozes identificados, como eram os articulistas. Pode ser localizada no eco das opiniões que contestavam a ordem social e nas entrelinhas dos textos que registravam greves, manifestações populares, grupos revolucionários ou outras iniciativas que criticavam a situação latino-americana da época. Pela natureza do tema que analisamos, vamos nos deter nas duas primeiras vozes citadas.

Utilizaremos como fonte de análise os dois principais jornais editados no Rio Grande do Sul. O primeiro em tiragem e circulação, o Correio do Povo pertencia à empresa Cia. Jornalística Caldas Junior, e o segundo, o Diário de Notícias, integrava o grupo Diários Associados, de propriedade de Assis Chateaubriand.¹⁰

Esses periódicos se ajustam à caracterização que fizemos da grande imprensa no Brasil, em especial no que diz respeito a uma mais, ou menos, clara tomada de posição frente aos acontecimentos noticiados. Enquanto o Diário de Notícias, como periódico integrante da empresa Diários Associados, assumia uma contundente posição de defesa dos interesses dos Estados Unidos em editoriais e artigos¹¹, o Correio do

⁹ Este tipo de manifestação de opinião não era comumente utilizado pelo jornal Correio do Povo. Esta decisão foi tomada e expressa pelo fundador e proprietário, Caldas Junior, com o objetivo de renovar a imprensa sul-rio-grandense que era substancialmente político-partidária.

¹⁰ O Correio do Povo foi fundado por Caldas Junior em 1895, com o objetivo de introduzir uma imprensa não posicionada politicamente no Rio Grande do Sul, já que esta era a característica predominante na época. Nos anos que focalizamos, era o jornal de maior circulação no Estado e, apesar de conservador, gozava de prestígio e conceito, dada a sua “neutralidade” política. O Diário de Notícias, por sua vez, foi lançado em 1925 no mercado gaúcho, constituindo-se no segundo maior jornal do Estado, e seguia a linha editorial dos Diários Associados, assinada por Assis Chateaubriand, profundamente antigetulista.

¹¹ O vínculo do empresário com os interesses norte-americanos era forte, como atesta o fato de ter adquirido a sucursal brasileira da empresa farmacêutica Schering, após ter sido ela confiscada dos nazistas, com um milhão de dólares emprestados por Nelson Rockefeller, coordenador de Assuntos Interamericanos do Governo Roosevelt. Era, também, amigo pessoal de vários outros políticos ligados ao governo norte-americano do pós-guerra.

Povo procurava demonstrar neutralidade, publicando, na maioria das vezes, apenas as notícias recebidas dos correspondentes estrangeiros. Sendo assim, o Diário de Notícias apresentava, diariamente, um artigo assinado por Assis Chateaubriand, no qual a linha editorial expressava a representação dada aos fatos pela empresa; por sua vez, o Correio do Povo, ao priorizar os textos provenientes de correspondentes, neutralizava a relação representação/impressão e transformava a notícia em uma espécie de “narrativa da realidade”.

Os leitores, geralmente, liam as notícias do mundo sob a ótica da imprensa norte-americana, que expressava os interesses de seu país e a sua visão de mundo. Mesmo quando um acontecimento ocorria na América Latina, até mesmo num país vizinho do Brasil, as notícias publicadas eram escritas pelos correspondentes dessas agências, que as remetiam à sede nos Estados Unidos e esta, por sua vez, as distribuía aos clientes.

De uma ou de outra forma, porém, os jornais divulgaram representações que reforçavam os valores sociais dos setores dominantes e o medo dos inimigos reais ou imaginários da ordem vigente. Contribuíram, freqüentemente, para produzir a realidade objetiva, promovendo comportamentos e visões de mundo que reproduziam as representações que descreviam. Concebida dessa forma, a imprensa mostrou os fatos a partir de uma versão, permitindo, assim, verificar a forma como a guerra fria e a luta ideológica que ela pressupunha foram dadas a perceber ou foram concebidas por grupos da sociedade.

A GUERRA FRIA NA GRANDE IMPRENSA

Ao buscarmos compreender por que o comunismo ainda é representado como ameaça à ordem estabelecida, deparamo-nos com o fato de que ele foi um tema importante e norteador da história recente latino-americana, cultivado no imaginário coletivo durante o período de quase meio século em que a guerra fria abertamente se desenrolou. Tendo convivido com duas ou até três das gerações que protagonizam a história do continente na atualidade, faz-se necessário, assim, que a atual hegemonia do capitalismo norte-americano seja vivenciada por mais alguns anos e por outras gerações para que essas representações sobre o *perigo vermelho* na América Latina possam ser vistas como anacrônicas.

A guerra fria, que se iniciou após o término da Segunda Guerra Mundial e envolveu os Estados Unidos e a União Soviética na disputa

política, econômica e ideológica pela supremacia mundial, vinha se desenhando desde a Revolução Russa. Nessa ocasião, os Estados Unidos e a Inglaterra, temendo que o socialismo pudesse se espalhar pelo mundo e colocar em risco a ordem capitalista, chegaram inclusive a enviar tropas para auxiliar na contra-revolução que tentava evitar o sucesso do levante socialista.

A luta contra o fascismo interrompeu momentaneamente as dissensões existentes entre os dois sistemas, colocando no mesmo lado dos campos de batalha as potências capitalistas – Estados Unidos e Inglaterra - e a comunista – a Rússia. Com a vitória na guerra praticamente garantida, uma nova questão surgia, entretanto, nas conversações entre as lideranças aliadas: a da organização do mundo do pós-guerra, que, em outras palavras, significava decidir a influência que os países vencedores teriam sobre os derrotados. Já em fevereiro de 1945, por ocasião da reunião de Roosevelt, Stalin e Churchill em Ialta, a disputa pelo direito de reorganizar a Polônia após a expulsão dos alemães dividiu os vencedores, mostrando que o laço que os unira começava a se dissipar.

Além das disputas existentes entre os aliados ocidentais e a URSS, outro fator mostrava o contexto em que a guerra fria começava a se formar: a disputa se concentrava entre os Estados Unidos e a URSS, dado que a Inglaterra, arrasada com a guerra, passava a ocupar um papel de potência de segunda importância. No encontro que reuniu Stalin, Churchill e Harry Truman em Potsdam, no mês de julho de 1945, ficou claro que o ditador russo não se intimidava com o anúncio do presidente dos Estados Unidos de que seu país dispunha da bomba atômica. Na verdade, Stalin, através de seus serviços de espionagem, sabia da existência da arma e a própria URSS também já dera início ao seu projeto nuclear. Anos depois, em 1949, os soviéticos testaram a bomba com sucesso.

Ao atacar com armas nucleares as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki, no mês seguinte à Conferência de Potsdam, os norte-americanos mostraram, ao mundo, o nível em que ocorreriam os conflitos armados dali em diante e, aos soviéticos em especial, que não hesitariam em utilizar seu arsenal atômico nas oportunidades em que seus interesses estivessem sendo ameaçados. Considerando, pois, o potencial bélico das duas potências, o conflito entre ambas caracterizou-se por se desenrolar predominantemente no nível da diplomacia, e não no do campo de batalha. Como os dois países possuíam armas de destruição em massa, tais como as bombas nucleares, os conflitos diretos foram evitados ou

ocorreram em locais em que o risco de um confronto nuclear era muito pequeno.

O famoso discurso proferido por Winston Churchill em 1946, no qual utilizou a metáfora *cortina de ferro* para expressar a forma como a URSS impôs sua influência exclusiva sobre os países do Leste Europeu, tem sido freqüentemente lembrado pelos países do bloco capitalista para justificar as razões para o conflito. Porém, foi com a doutrina Truman que o combate ao comunismo se institucionalizou. Através deste plano, o governo norte-americano se comprometeu a auxiliar financeiramente países, tais como a Turquia e a Grécia, que estivessem sob ameaça de cair sob o domínio soviético. Logo após, elaborou o Plano Marshall, que visava apoiar financeiramente os países da Europa Ocidental, inclusive a Alemanha, evitando, assim, a extensão do poderio soviético a essa área. Também foi criada, dois anos depois, a OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte), que, liderada pelos Estados Unidos e integrada pelos países capitalistas europeus e pelo Canadá, tinha por objetivo evitar um ataque armado dos soviéticos à Europa Ocidental ou à América do Norte.

As notícias internacionais sobre esses acontecimentos eram abundantes na grande imprensa. O público leitor acostumara-se a acompanhar, diariamente, o andamento da Segunda Guerra, e, terminado o conflito, permanecera interessado em conhecer o que ocorria no resto do mundo e em obter informações que dissessem respeito, principalmente, às potências vencedoras e à condução que estas davam ao período pós-guerra. Em vista da importância alcançada pelas matérias de âmbito externo, o espaço a elas destinado, nos jornais, foi se ampliando e, em muitos casos, ocupando toda a primeira página. Isso fazia com que as manchetes mais destacadas do dia, ilustradas muitas vezes com fotos, estivessem relacionadas a fatos externos, contribuindo, assim, para que os leitores se percebessem como cidadãos do mundo e acreditassem que o destino de suas vidas estava sendo traçado principalmente pelos acontecimentos da ordem mundial, e não pelos de seu país ou localidade.

É importante destacar que as notícias internacionais, especialmente as relativas à guerra fria, não eram representadas, na grande imprensa, com significativas diferenças no que diz respeito ao conteúdo ou ao destaque dado a elas. Na época, os jornais raramente enviavam correspondentes exclusivos ao exterior, pois compravam as matérias diretamente de agências de notícias. Este setor era dominado principalmente pelas norte-americanas Associated Press e United Press, e

pelas européias Reuters e France Press.¹² Podia haver uma certa preferência entre uma ou outra agência por cada órgão de imprensa. Esse era o caso do Correio do Povo, que dizia ter maior afinidade com a Associated Press, enquanto os dos Diários Associados se utilizavam preferentemente da United Press.

A AMÉRICA LATINA NO CONTEXTO DA GUERRA-FRIA

Na disputa pela hegemonia mundial, os governos norte-americano e soviético passaram a defender ou a tentar conquistar áreas de influência. Através delas, aumentavam seu poder político e econômico, ao mesmo tempo que evitavam o avanço inimigo.

A América Latina, que era uma tradicional área de domínio do imperialismo norte-americano, passou a ser encarada como uma importante aliada no combate ao comunismo. Apesar de não ocupar lugar privilegiado na política externa do país naquele momento, pois os interesses norte-americanos estavam mais voltados para a Europa e o Oriente, outra atitude não era considerada admissível, da parte dos governos latino-americanos, que não fosse a do alinhamento incondicional à política de contenção ao comunismo.

A América Latina também não ocupava um lugar central no projeto de expansão mundial do domínio soviético. Estudiosos apontam que dificilmente a URSS teria condições ou até interesse de superar a hegemonia norte-americana no continente. Mesmo assim, era preocupante o crescente número de adeptos que o comunismo apresentava na conjuntura do pós-guerra.

Assim como ocorrera em âmbito internacional, as divergências e os antagonismos entre os adeptos do capitalismo e do socialismo na sociedade latino-americana haviam se iniciado antes do final da Segunda Guerra. Desde a Revolução de 1917, o comunismo encontrara adeptos na região, tendência que a crise do sistema capitalista dos anos 1930 só

¹² A empresa de Assis Chateaubriand possuía uma agência de notícias própria, que era a Agência Meridional. As matérias internacionais que esta produzia, entretanto, diziam respeito apenas a acontecimentos que envolviam diretamente o Brasil. Esse era o caso das conferências diplomáticas que reuniam representantes dos governos de todo o continente e das viagens oficiais do governante. Para esses acontecimentos, a agência enviava correspondente próprio e os jornais da empresa, como o Diário de Notícias, publicavam preferentemente as matérias por ela produzidas.

fizera aumentar.¹³ Durante o conflito mundial, a atuação dos comunistas nas forças de resistência ao fascismo fez crescer ainda mais a credibilidade em relação ao regime e fortaleceu politicamente seus seguidores.

O contexto latino-americano nos anos 1940 e 1950 foi, também, extremamente favorável para o aumento da influência das idéias socialistas. A maior parte dos países da América Latina enfrentava sérias dificuldades econômicas e graves problemas sociais, oriundos das desigualdades e da pobreza crescentes. A essa situação, aglutinava-se um ambiente político no qual, fruto da vitória sobre o fascismo, o comunismo gozava de um certo reconhecimento legal, atuando na política através de partidos políticos, sindicatos, organizações comunitárias e estudantis. Além disso, recebia forte e crescente apoio de uma geração de jovens intelectuais que se formava.

A presença crescente do comunismo na América Latina motivou a mobilização de forças sociais diversas, que podemos chamar genericamente de “conservadoras”, pelo interesse que demonstraram em combater o comunismo e, ao mesmo tempo, conservar o capitalismo. Sendo assim, apesar da sua importância periférica no cenário político mundial, a região exigiu a vigilância e a intervenção constantes dos Estados Unidos na “guerra” que travava para impedir o avanço da URSS. Em sua atuação junto aos países latino-americanos, aquele país adotou predominantemente as estratégias que caracterizaram a sua atuação durante a guerra fria, ou seja, a ajuda econômico-militar a países aliados, a tutela diplomática, a propaganda e, quando nenhuma delas se mostrou eficaz, a velha tática da intervenção militar. Maior visibilidade na imprensa receberam as conferências diplomáticas, que, realizadas sob a orientação do pan-americanismo e com a coordenação da Organização dos Estados Americanos (OEA), visavam, fundamentalmente, construir e manter uma política anticomunista comum a todo o continente.

Durante os primeiros anos da guerra fria na América Latina, houve um certo equilíbrio entre as duas ideologias no contexto latino-americano, especialmente no que diz respeito ao imaginário dos grupos conservadores e reformistas. As idéias e estratégias de ação de cada uma circulavam com certa liberdade e, somando-se à crise econômica e ao crescimento da pobreza, ocasionavam um recrudescimento da instabilidade política. Essa situação foi responsável

¹³ No caso do Brasil, o episódio conhecido como Intentona Comunista, ocorrido em 1935, é um exemplo significativo da presença de adeptos do comunismo no país.

por gerar um ambiente marcado por constantes tentativas de implantação ou substituição de governos que buscavam introduzir uma orientação político-ideológica mais independente da influência norte-americana e que apresentavam um cunho nacionalista e/ou genericamente socialista. Eram freqüentes as manifestações públicas e as greves, coordenadas por sindicatos e setores da sociedade que expressavam suas convicções e anseios políticos de mudança. Em outras palavras, os golpes de Estado, as greves e a agitação política recrudesceram no cenário latino-americano.

O período se caracteriza por apresentar maior liberdade de atuação à influência soviética na vida política dos países latino-americanos. Dizemos isso porque, se de um lado havia um claro interesse dos Estados Unidos em que as nações latino-americanas permanecessem alinhadas ao seu domínio, havia possibilidades também para o comunismo tentar ocupar espaço mais significativo na política latino-americana. Os partidos comunistas, por exemplo, atuaram na legalidade durante os anos iniciais em um bom número de países do continente.¹⁴ Igualmente, vários governos nacionalistas marcaram a política latino-americana, resistindo à subordinação completa aos interesses norte-americanos e, por isso mesmo, sendo taxados de, no mínimo, simpáticos aos soviéticos. Dentre esses, destacamos o da Argentina, que, ao elaborar uma proposta alternativa ao alinhamento da América Latina aos Estados Unidos ou à União Soviética, mostrou estar preocupado com os efeitos da guerra fria na região.¹⁵

¹⁴ O ano de 1948 marcou o desencadeamento de um combate mais intenso ao comunismo por parte dos governos latino-americanos. Em janeiro de 1948, o presidente Dutra cassou o mandato dos comunistas brasileiros, em 8 de fevereiro o Partido Comunista de Buenos Aires foi impedido de funcionar e, em 2 de junho e 4 de novembro, foram fechados os partidos comunistas do Chile e do Peru respectivamente.

¹⁵ Dentre os governos nacionalistas desse período, destacamos os de Vargas, no Brasil, que tentou a nacionalização do petróleo e a continuidade da industrialização nacional; o de Jacobo Arbens, na Guatemala, que nacionalizou e desapropriou propriedades norte-americanas e o de Víctor Paz Estensoro, na Bolívia, que assumiu o governo após a rebelião popular que obrigou ao reconhecimento, pelo Congresso Nacional, da vitória do Movimento Nacional Revolucionário (MNR) nas urnas.

O Presidente Perón foi responsável por apresentar, em 1947¹⁶, a “terceira posição”: “ (...) a Argentina é a terceira posição. O comunismo declara que tudo deve ser do Estado, o capitalismo diz que tudo deve ser privado. Nós possuímos propriedade privada e do Estado, e pretendemos assim, achar uma solução intermediária” (Correio do Povo; 09/02/1950, capa).

Para especialistas em política externa da Argentina,¹⁷ a proposta tem a ver com o passado histórico de rivalidade entre essa nação e os Estados Unidos e com o peronismo. Por um lado, as desavenças com os norte-americanos vinham de longa data e se intensificaram durante a Segunda Guerra; de outro, o passado de simpatia para com o fascismo colocava Perón em oposição direta ao comunismo. O fato de a Argentina se apresentar como *terceira posição* pode ser explicado, também, pelo elevado grau de popularidade que o governo peronista gozava entre os argentinos até os primeiros anos da década de 1950. A boa situação econômica que o país usufruía na segunda metade da década de 1940, devido às reservas financeiras acumuladas durante a guerra, permitira que o governo concedesse uma série de benefícios à classe operária, elevasse expressivamente a qualidade de vida da população e, contrariando os interesses norte-americanos, nacionalizasse empresas estrangeiras.

A não ser por sua política de resistência à hegemonia norte-americana, a Argentina era admirada internacionalmente por se constituir em uma nação econômica e culturalmente próspera. Era o país mais citado na imprensa brasileira, especialmente na do Rio Grande do Sul, Estado que mantinha tradicionais e estreitos laços culturais e econômicos com o país.¹⁸ Jornais como o Correio do Povo e o Diário de Notícias destinavam-lhe espaços frequentes, destacando as realizações econômicas

¹⁶ No dia 6 de julho de 1947, Perón anunciou sua política no que diz respeito à guerra fria em um discurso radiofônico, cercado de publicidade. O governo fez montar todo o seu aparato publicitário e foram escaladas 1165 emissoras para a sua transmissão. Apesar de toda a atenção dispensada, a repercussão, nos demais países, foi muito pequena. Na ocasião, o Correio do Povo transcreveu algumas das propostas peronistas para a paz mundial, sem fazer nenhum comentário, numa notícia localizada na primeira página, à margem inferior direita (Correio do Povo, 07/06/1947, capa); e o Diário de Notícias foi ainda mais econômico, publicando apenas uma pequena nota que dizia *Discurso de Perón pela paz mundial*, na qual não especificava, nem comentava as declarações do presidente argentino (Diário de Notícias, 07/06/1947, capa)

¹⁷ Dentre eles, destacamos os historiadores Carlos Escude e Mário Rapoport.

¹⁸ Na época, Buenos Aires exercia o papel de centro cultural e comercial para os gaúchos, que mais frequentemente se deslocavam à capital argentina do que ao Rio de Janeiro para realizar compras ou tratamento médico especializado, assistir a peças de teatro etc. Durante o governo de Getúlio Vargas, o gaúcho Batista Luzardo, amigo pessoal de Vargas e de Perón, foi o embaixador brasileiro na Argentina e incrementou em muito esse intercâmbio.

e sociais do governo peronista e o ambiente de alto nível cultural e artístico que caracterizava a cidade de Buenos Aires.

Não obstante, a política externa nacionalista e autônoma adotada pelo peronismo foi criticada pelos Estados Unidos e gerou vários conflitos diplomáticos entre os dois países. A pretensão da Argentina de não se submeter aos norte-americanos foi manchete em vários jornais, sendo representada através da versão norte-americana e, também, da de seus opositores. Ela desencadeou um retorno às críticas que já lhe haviam sido feitas logo após o final da Segunda Guerra, as quais apontavam Perón como ditador e amigo dos fascistas.

Concomitantemente à posição tomada quanto à guerra fria, o governo de Perón passou a enfrentar dificuldades econômicas, situação que fez com que a oposição fosse se reestruturando e ganhando força no cenário político interno da Argentina.¹⁹ É importante destacar que, nesse contexto adverso, o governo peronista censurou a imprensa, perseguindo os jornais que não se alinhavam com sua política. Essa atitude provocou uma reação do setor jornalístico ao nível internacional e é um dos fatores que contribuíram para esclarecer o porquê de uma oposição tão explícita da imprensa mundial ao regime. Após várias medidas que tentavam controlar a informação, como a centralização dos estoques de papel, o governo acabou por fechar alguns periódicos que lhe faziam oposição sistemática. O jornal *La Prensa* foi um dos atingidos, em 1951, tendo seu proprietário, Alberto Gainza Paz, se exilado no Uruguai inicialmente e, depois, nos Estados Unidos, de onde passou a enviar reportagens contrárias ao peronismo para toda a América Latina.

A *terceira posição* praticamente não saiu do plano de intenções, e o antagonismo para com os Estados Unidos passou a ser considerado pelos norte-americanos como demonstração de simpatia para com os soviéticos. Fazendo eco a essa posição, internamente, a Igreja Católica e o Exército foram se distanciando do peronismo e o responsabilizando pela crescente presença das idéias comunistas na sociedade argentina. Ao longo do seu segundo mandato, Perón, contraditoriamente, não era mais visto como simpático ao fascismo, mas sim ao comunismo. Afinal, nesse momento, os nazistas não mais representavam o arquétipo do mal para os conservadores. O comunismo ocupara esse lugar.

¹⁹ Para muitos estudiosos do peronismo, a reeleição, obtida em 1952, se deveu a fatores como uma intensa propaganda, o controle dos sindicatos, a censura à imprensa e, talvez principalmente, à morte de Evita Perón que ocorrera em maio, no auge da campanha eleitoral.

Por ocasião do conflito com a Igreja Católica que resultou na deposição de Perón em 1955, a imprensa deu voz preferencialmente aos opositores do regime, publicando artigos ou narrando os fatos de acordo com a versão deles. A Igreja foi, na maioria das vezes, apresentada como vítima na disputa que mantinha com o governo peronista. Nesse sentido, temos o artigo do intelectual católico Gustavo Corção, publicado no *Correio do Povo* sob o título *Perón e a Igreja*:

Perón abre luta com a Igreja. Fecha-se o Departamento de Ensino Religioso do Ministério da Educação. Cai a máscara do tiranete que se apresentava como protetor da Igreja (...)

Tudo isso no que concerne à política de Perón ou de Franco, não é evidente como é evidente a malignidade do materialismo comunista, (...). Os ditadores desse tipo se abstêm de proclamar uma filosofia de materialismo, e é nessa margem de imprecisão, maliciosamente mantida, que se instala a ingenuidade e a malignidade dos que vivem a sonhar com um policiamento católico da sociedade. (*Correio do Povo*, 06/02/1955, pg 4)

Encontramos outra evidência dessa posição quando comparamos o título da reportagem de capa – *Detidos 430 católicos e revistados o palácio episcopal e os aposentos do cardeal Copello* – com o texto da mesma reportagem, publicados no *Correio do Povo* em 14/06/1955. Não com o destaque dado à representação de que os católicos estavam sendo ameaçados, o cabeçalho da notícia apresentou a versão das autoridades policiais argentinas que acusavam os manifestantes católicos de terem forçado a entrada no Congresso Nacional, destruído a placa em memória de Eva Perón, localizada no recinto, e queimado a bandeira argentina.

Na continuidade da cobertura desse conflito entre Perón e a Igreja e diferentemente da sua forma costumeira de agir, ou seja, a de publicar a versão oficial dos fatos, a imprensa continuou a priorizar a representação construída pelos opositores através da voz de autoridades contrárias ao governo. Exemplo disso identificamos no levante militar de junho de 1955, que proclamou o apoio do Exército a Perón e garantiu a permanência deste na presidência. Na ocasião²⁰, o interesse de lideranças militares em derrubá-lo e o descontentamento que o governo peronista havia provocado em muitos católicos foram os temas destacados nas reportagens ou nos artigos. Em 9 de agosto de 1955, o *Correio do Povo* publicou um artigo de autoria de Alistair Cooke – correspondente

²⁰ Perón acabou renunciando em 19 de setembro de 1955.

especial da Associated Press -, intitulado *Perón – o começo do fim*, no qual o autor cita palavras pronunciadas pelo ex-proprietário do jornal *La Prensa*. Dizia o artigo, em sua crítica ao peronismo:

Desde 1946, Perón fez o seguinte: apossou-se do Congresso, amordaçou os tribunais, destruiu a liberdade sindical, meteu na cadeia os adversários políticos, matou a imprensa independente, fez das escolas cunha política e desconheceu a Declaração dos Direitos declarando um estado de guerra interno. (Correio do Povo; 09/08/1955, capa)

Um dia após ter publicado esse artigo, o mesmo jornal nos deu outro exemplo de uma representação depreciativa a respeito do governo de Perón, reproduzindo o pronunciamento concedido, após nove anos de censura, pela oposição peronista no rádio. Nessa reportagem, que levou o título de *Manifesta-se o Partido Democrático Argentino: “A pacificação somente é possível se o governo puser fim às restrições que sufocam o país”*, Solano Lima – chefe do Partido Democrático- apontou exigências para a negociação da paz política, exigindo *“liberdade de imprensa, liberdade das Universidades, restabelecimento do Ensino Religioso nas escolas, que nos movimentos operários não interaja o governo e que se dêem garantias judiciais”*. (Correio do Povo; 10/08/1955, capa)

O fim do governo de Perón, em setembro de 1955, pode ser considerado o capítulo final de uma série de acontecimentos que marcaram o ano de 1954 e indicam o início da etapa em que o fiel da balança começou a pender definitivamente para o lado dos norteamericanos, diminuindo as condições legais para a adesão ou simpatia para com o comunismo. A Revolução Cubana, nesse sentido, pode ser vista como resistência a esse processo que vinha se desenhando e que se caracterizava pelo domínio cada vez mais asfixiante e imperial dos Estados Unidos sobre a América Latina. Após a vitória de Fidel Castro e o alinhamento de Cuba à esfera soviética, as condições para a prática ou para a divulgação das idéias socialistas na região mudaram apenas na intensidade. A ofensiva norte-americana de controle ao chamado *avanço comunista*²¹ sobre os demais países do continente se intensificou e a exigência de apoio incondicional às suas premissões de fazer da América um bloco coeso e unido na luta contra o comunismo se tornou

²¹ Termo empregado na Doutrina Truman para falar do expansionismo soviético após a segunda guerra.

inegociável. A partir do episódio da *guerra dos mísseis*²², a nação norte-americana deixou de privilegiar os planos de assistência financeira e a retórica propagandista, passando a intensificar os métodos defensivos de estratégia militar e apoiar novas e velhas ditaduras decididamente alinhadas aos seus interesses.²³

Vários acontecimentos apontam para a avaliação do ano de 1954: a subida de Strossner ao governo do Paraguai, o suicídio de Getúlio Vargas no Brasil, a queda de Jacobo Arbens na Guatemala e a submissão do governo nacionalista boliviano às pressões dos Estados Unidos. Cite-se também a Conferência Interamericana de Caracas, talvez o episódio de maior significado simbólico, porque, reunindo os representantes de todos os países membros da Organização dos Estados Americanos, representava a América como uma unidade. Nessa ocasião, foi assinado, pela maioria dos países membros²⁴, o compromisso continental de luta contra o comunismo e o reconhecimento do direito de intervenção norte-americana nas nações que estivessem ameaçadas pela instalação de um governo comunista.

O COMUNISMO NA IMPRENSA

Durante os anos investigados, a imprensa brasileira registrou movimentos sociais e políticos, reproduziu posicionamentos de governos e autoridades, publicou artigos e editoriais, todos relacionados com a repercussão do conflito ideológico que se desenrolava na realidade latino-americana. Sendo assim, o comunismo integrava o imaginário da época, o qual era marcadamente polarizado. Cada uma de suas figuras dispunha de um correspondente antitético: a ordem e a subversão, o seguro e o perigo, o bem e o mal, cada qual suscitando, a seu modo, atitudes

²² Após o fracasso do desembarque das tropas norte-americanas na Baía dos Porcos, em abril de 1961, embalado pelo apoio popular, Castro proclamou a adoção do socialismo em Cuba, em 1º de maio. Seguiu-se a imposição do bloqueio econômico à ilha e, posteriormente, a expulsão do país da OEA (25/11/62). Esses fatores levaram os russos a se aproximarem dos cubanos, instalando mísseis de médio alcance na ilha. As duas potências, sob a ameaça de uma guerra entre elas, acordaram, finalmente, que haveria o recuo da União Soviética e, em troca, os Estados Unidos não atacariam Cuba, permitindo, assim, a sobrevivência da revolução.

²³ Não podemos nos esquecer do boicote econômico e de relações diplomáticas que os Estados Unidos impuseram a Cuba, estendendo-o, como exigência na continuidade das relações bilaterais, a todos os países latino-americanos.

²⁴ A Argentina e a Venezuela votaram contra e o México se absteve. Os demais apoiaram a medida.

contrárias de desejo e de rejeição. Esta disposição de luta entre contrários promoveu uma forte tendência a simplificar, dramatizar e investir os fenômenos de um alto grau de significação.

Um levantamento quantitativo no *Correio do Povo* sobre o assunto das matérias mostrou-nos que o termo era recorrentemente empregado. No ano de 1950, por exemplo, foram publicados 44 títulos de manchetes de capa que empregavam o vocábulo *comunismo* relacionado ao da América Latina. Em outros, podemos verificar imagens em que o vocábulo “vermelho” expressava o mal, enunciados tendenciosos, enfim, um conjunto de elementos através dos quais as representações buscavam criar uma visão negativa do comunismo e do perigo que ele significava para a manutenção da ordem política e social estabelecida. Foram utilizadas, também, as metáforas como “quisto”, “perigo”, “subversão”, entre outras, para representá-lo, como atestam as manchetes de capa abaixo reproduzidas:

Chile, Paraguai e Cuba manifestaram-se interessados em que a Conferência tome uma atitude no que concerne o “quisto” comunista nas Américas. (CP, 31 de março de 1948)

Videla adverte a América contra o perigo vermelho. (CP, 26 de fevereiro de 1950)

Ameaçada a democracia por planos subversivos. (CP 7 de maio de 1950)

Muitos títulos das matérias publicadas tratavam de construir a imagem de ameaça constante que o comunismo oferecia à ordem social, política e até religiosa da América Latina. Alguns referiam-se à região como um todo e outros diziam respeito aos movimentos sociais e/ou políticos que ocorriam nos diversos países. Em todos eles, porém, o comunismo era apresentado como o portador do mal. Vejamos alguns títulos de capa que mostram a ameaça do comunismo à América Latina:

A Igreja e a perseguição desencadeada pelos comunistas. (CP, 6 de abril de 1950)

A campanha comunista contra a Igreja (CP, 7 de abril de 1950)

Os comunistas estariam organizando a “União Soviética Americana”. (CP, 1 de dezembro de 1950)

Os comunistas estariam preparando vasto plano de agitação no país. (CP, 21 de dezembro de 1950)

O presidente Carlos Ibañez atacou a infiltração vermelha nos sindicatos. (CP, 16 de outubro de 1953)

A demonização do comunismo não era inculcada nos leitores apenas através dos títulos das manchetes. O conteúdo das matérias reforçava ainda mais a representação que o conceito recebia por meio das palavras destacadas do enunciado. Afinal, não se pode esquecer que geralmente eram compradas de agências norte-americanas e escritas por correspondentes e articulistas a elas vinculados, expressando assim a visão de mundo e os interesses dos Estados Unidos. Muitas destinavam espaço à reprodução de depoimentos de autoridades, o que, sem dúvida, servia para reforçar o tom de “verdade” que se desejava dar à representação dos Estados Unidos em relação ao comunismo. Nesse sentido, foram publicadas, em artigo de autoria do correspondente da AP, William Henry Chamberlain, as palavras proferidas pelo presidente Eisenhower logo após ter assumido o cargo, nas quais, ao comparar o comunismo à escravidão, reapercebem o significado da guerra fria para os Estados Unidos: *“O presidente Eisenhower expôs a questão fundamental da guerra fria em termos absolutos: ‘Aqui, então, não se trata de uma mera divergência filosófica...É a luta da liberdade contra a escravidão; da luz contra a treva’.* (Correio do Povo, 26/02/1953, capa)

Foram publicados, também, depoimentos de governantes latino-americanos que seguiam nessa direção. Apesar de aparecer em local de menor destaque, temos, como exemplo, as palavras de Fulgêncio Batista em janeiro de 1953, meses antes de Fidel Castro fracassar na tentativa de dominar o quartel militar de Moncada e derrubar o ditador: *“O comunismo rodeia a nação e tem de ser combatido porque trata de introduzir a escravidão no mundo e é um perigo certo para Cuba”* foram as palavras que Fulgêncio proferiu e o Correio do Povo publicou. (Correio do Povo, 17/01/1953 p.2)

Considerando, pois, a emissão e, principalmente, a recepção massiva de representações como essas, podemos afirmar que o comunismo foi um ator importante na política latino-americana durante a guerra fria. Sua força se devia, em grande medida, à simpatia que a ideologia comunista encontrava entre intelectuais, operários e estudantes. Entretanto, apesar de ter estado presente no plano concreto da luta política, suas possibilidades de vencer sempre foram reduzidas. É necessário, por outro lado, reconhecer que nem a articulação entre nem a ação política de sindicatos, partidos comunistas e movimento estudantil apresentavam condições concretas de implantar um governo comunista na América Latina. E, ainda mais, como dissemos anteriormente, os especialistas em estudos sobre a guerra fria apontam que, também para Stalin e seus sucessores, a América Latina nunca foi área central de

interesse do bloco soviético, não se constituindo sua invasão em uma ameaça concreta.

Não obstante, a atuação do comunismo na política latino-americana se deu, a nosso ver, de forma mais expressiva e contundente no nível do imaginário e de forma inversa do esperado por seus defensores. Nesse sentido, as representações apresentadas na imprensa sobre o comunismo contribuíram decisivamente para formar um imaginário coletivo fortemente contrário à ideologia. Elas, como em qualquer conflito, real ou imaginado, criaram as condições para que boa parte da população passasse a ver o comunismo como uma ameaça, um perigo que traria o caos à América Latina. As imagens, sugeridas pelas metáforas “vermelho”, “quisto” ou outras passaram a guiar as ações, a modelar comportamentos e a orientar a concepção de sociedade de parcela importante da sociedade. Sendo assim, agiram muito mais fortemente no sentido de provocar ações de reação do que de aceitação ao sistema.

Procuramos mostrar que o comunismo integrou a realidade política e gestou ações concretas que buscaram o controle da vida coletiva, o exercício da autoridade e do poder. Também buscamos mostrar que as representações veiculadas na imprensa, ao apontarem o comunismo como o mal na relação polarizada de luta entre contraditórios, possibilitaram que parcela significativa da sociedade latino-americana, e brasileira em especial, se engajasse na luta política contra o comunismo, fazendo desse não uma utopia a alcançar, mas, sim, um perigo a evitar.

Com o que apresentamos, pensamos ter demonstrado que, nos anos iniciais da guerra fria, o comunismo substituiu o nazismo como inimigo e foi representado, principalmente na imprensa, como a grande ameaça que a América Latina devia combater. Com um discurso demonizador, as notícias publicadas nos jornais contribuíram para que o comunismo se tornasse objeto de conflitos sociais e políticos e que atuasse decisivamente nas políticas interna e externa dos países da América Latina. Em nossa pesquisa, encontramos poucos indícios concretos sobre como o público leitor recebeu e readaptou essas *representações*. Contudo, se considerarmos os acontecimentos da história política posterior latino-americana, e da brasileira em particular, principalmente o golpe de 1964 e as resistências que até hoje se apresentam a mudanças efetivas em nosso país, podemos concluir pelo muito que elas influenciaram e ainda influenciam o imaginário de nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

- BACKZO, Bronislaw. *Los imaginários sociales*. Buenos Aires: Nueva Vision, 1991
- _____. Imaginação Social in *Enciclopédia Einaudi*.vol5. Lisboa:Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985
- BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política*. Brasília: UNB, 1997
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa:Difel, 1989
- CHARTIER, Roger. A história cultural- entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990
- _____. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, nº11, v.5,1991
- ESCUDE, Carlos. Grã Bretanha, Estados Unidos y la declinación Argentina (1942-1949). Buenos Aires:Belgrano, 1998
- MORAIS, Fernando. Chatô o rei do Brasil: a vida de Assis Chateaubriand, um dos brasileiros mais poderosos deste século. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- RAPOPORT, Mário. 1940-1945: Grã-Bretanha, Estados Unidos y las clases dirigentes argentinas. Buenos Aires: Belgrano, 1980
- RAPOPORT, Mário; SPIEGUEL, Cláudio. *Estados Unidos y el Peronismo*. Buenos Aires: GEL, 1994